



Quem são as personalidades que deram nome às ruas e às avenidas do Estado e qual a importância delas para o desenvolvimento capixaba? Para responder essas e outras perguntas, a coluna "O Endereço da História" presta uma homenagem às pessoas que tanto contribuíram para o Espírito Santo. Confira.

Por que Fernando Ferrari?

Fernando Ferrari não teve nenhuma ligação com o Espírito Santo. Não realizou qualquer benefício que favorecesse alguma comunidade ou região capixaba. Sua vida e seu labor se circunscreveram aos interesses do Rio Grande do Sul, onde nasceu, e de sua gente, que amava com inegável patriotismo.

E no entanto, e apesar disso, deu nome ao principal corredor viário para os que chegam ou saem de Vitória pela região norte da capital.

A nossa Câmara Municipal, pelo voto dos seus vereadores, e o prefeito da capital, pela sanção aposta ao projeto de lei, no entanto, homenagearam, mais do que um político gaúcho, mas uma figura que representava nossas mais caras tradições de hombridade, coragem cívica e desprendimento, pontuação marcante na vida dos nossos homens públicos.

Fernando Ferrari nasceu em São Pedro do Sul, nos pampas gaúchos, em 1921, membro de uma família de 11 irmãos. Sua formação teve início no Colégio Elementar da cidade e se estendeu no Internato dos Irmãos Maristas, em Santa Maria. A liderança que iria mais tarde exercer no seu estado foi evidenciada ainda na sua juventude, quando foi escolhido orador de sua turma na formação do curso de Contabilidade.

Sua permanente procura de novos horizontes o levou a fazer o curso de Ciências Políticas e Econômicas na faculdade mantida no Colégio Rosário, atual Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul.

A partir daí, sua trajetória política ganhou novos e mais amplos espaços, elegendo-se, em 1947, para um mandato de quatro anos, deputado estadual constituinte. Como relator da Ordem Econômica e Social, apresentou proposições inovadoras para as relações sociais de produção.

Já casado com Elza Ferreira, transferiu residência para o Rio de Janeiro, então capital da República, para ocupar função na área de contabilidade do SAPS – Serviço de Alimentação da Previdência Social.

Ontem, como hoje, organismos públicos eram sujeitos a atos de corrupção, quase sempre escamoteados, e o SAPS não seria exceção. Foi o que constatou o jovem Fernando Ferrari, ao descobrir uma fraude contábil para beneficiar terceiros. Não titubeou e, fato quase inédito no seu tempo, por ser moralista e corajoso, denunciou o desvio publicamente e ainda endereçou correspondência ao presidente Getúlio Vargas com acusações ao diretor da autarquia.

A crise instalada em consequência de sua denúncia o levou a pedir demissão do cargo que ocupava no órgão, retornando a Porto Alegre desempregado, mas cercado da admiração de seus contemporâneos.

Em 1945, filiou-se ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), recém-formado, liderado por Alberto Pasqualini, nome com irremovível registro nos anais da política brasileira, eleito depois governador do Rio Grande do Sul. Foi companheiro de Leonel Brizola na ala moça do partido, tendo sido eleito e reeleito deputado federal de 1950 a 1958, com a maior votação até então alcançada por candidatos à Câmara dos Deputados, em todo o país.

Por inconformidade com decisões da alta cúpula partidária, passou a fazer oposição à liderança de João Goulart e Leonel Brizola, o que o levou a ser expulso da sigla, iniciativa que se tornou para nós familiar, em tempos recentes.

GPS
-20.2819043,
-40.3031979

Navegue pelo Street View

Participe da coluna enviando sugestões para enderecodahistoria@revistaesbrasil.com.br

José Eugênio Vieira é pesquisador com diversos livros publicados sobre a História do Espírito Santo e atualmente ocupa a Superintendência do Sebrae

Mais fotos na galeria do site:
<http://www.revistaesbrasil.com.br/index.php/artigos-e-colunas/o-endereco-da-historia>

